

# MUDANÇA DAS FORMAS CULTURAIS<sup>1</sup>

Georg Simmel

Tradução de Patrícia da Silva Santos<sup>a</sup>

O esquema marxista de desenvolvimento econômico, a saber: que as forças econômicas engendram, em cada período histórico, uma forma de produção que lhe seja apropriada, porém crescem no seu interior até medidas que não cabem mais nessa forma, senão que a rompem e criam uma nova – esse esquema vale para além do terreno econômico. Entre a vida, que flui sempre adiante e expande-se com energia cada vez mais envolvente, e as formas de sua expressão histórica, que persistem em igualdade rígida, existe inevitavelmente um conflito que permeia toda a história da cultura, embora naturalmente permaneça, de tempos em tempos, latente. No presente, porém, esse conflito parece estar em pleno curso para uma grande parte das formas da cultura. Quando, por volta do fim do século passado, o naturalismo artístico propagava-se, esse já era um sinal de que as formas artísticas dominantes do clássico não podiam mais acolher em si a vida queurgia expressão. Surgiu a esperança de poder acomodar as realidades dessa vida, tal como dadas, na imagem imediata e, na medida do possível, sem a intrusão de qualquer intenção humana. Mas o naturalismo também falhou diante das necessidades decisivas, assim como, por certo, é o caso do expressionismo atual, que substitui a imagem imediata do objeto pelo processo anímico e por sua expressão igualmente imediata. Na medida em que a movimentação interna se expande em uma criação externa, sem considerar, por assim dizer, sua forma própria e as normas objetivas que a ela se aplicam, acredita-se conquistar para a vida, finalmente, a expressão que lhe é inteiramente adequada, não adulterada por qualquer forma externa a ela. Mas a essência da vida interna parece ser, de fato, que ela encontra sua expressão somente em formas que têm em si mesmas uma legalidade, um sentido, uma tenacidade, em certo desprendimento e independência diante da dinâmica anímica que a criou. A vida criadora constantemente engendra algo que não é mais a vida mesma, algo em que esta, de algum modo, encontra

---

1 Texto original: SIMMEL, Georg. Wandel der Kulturformen. In: *Berliner Tageblatt*, agosto de 1916; reimpresso em: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995. v. 2. p. 217-223.

a Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nas modalidades bolsa no país e sanduíche (programa CAPES/DAAD/CNPQ). A revisão técnica da tradução foi realizada por Lenin Bicudo Bárbara, doutorando do PPGS/USP

sua morte, algo que a responde reivindicando um direito próprio. A vida não se pode manifestar, a não ser em formas que são e significam, independentemente dela, algo para si. Essa contradição é a verdadeira e contínua tragédia da cultura. O que sucede ao gênio e às épocas agraciadas é converter a criação originada de dentro da vida em uma forma afortunadamente harmônica, que conserva a vida ao menos por um período de tempo, e não a empedernece em uma autonomia como que hostil a ela. Na grande maioria dos casos, entretanto, essa contradição é inevitável e, onde a expressão da vida, para evitá-la, pretenda dar-se, por assim dizer, em nudez livre de forma, nada de realmente compreensível afinal vem à tona, mas sim uma fala desarticulada, e não uma expressão; no lugar da franca contradição da rigidez estranha de uma forma unitária, só vem à tona, no fim das contas, um caos de fragmentos atomizados de forma. O futurismo avançou até essa consequência extrema de nossa situação artística: eis a vontade ardente de expressar-se de uma vida, que não cabe mais nas formas tradicionais e ainda não achou as novas, por isso pretende encontrar sua possibilidade pura na negação da forma (ou em uma forma quase tendenciosa e abstrusa) – uma contradição cometida contra a essência da criação, para escapar dessa contradição nela contida. Em alguns fenômenos do futurismo – e aí talvez com mais força do que em qualquer outra parte –, mostra-se que as formas que a vida construiu para sua morada se tornaram mais uma vez sua prisão.

Talvez não seja possível determinar a posição da religião quanto a isso, porque o decisivo se consuma, aqui, não em fenômenos visíveis, mas sim na interioridade da alma. Por isso, deve permanecer em suspenso a questão sobre até que ponto o cristianismo ainda seria a forma na qual a vida religiosa encontra sua expressão mais satisfatória. É possível assegurar apenas que existem alguns círculos cujas carências religiosas dão as costas ao cristianismo. Parece em tudo insignificante que tais círculos se voltem a toda sorte de importações exóticas ou modernices curiosas. Em parte alguma consigo aí detectar uma formação imbuída de força vital, dessas que se ajustam à vida religiosa como expressão exata, exceto em combinações completamente individuais. Isso, entretanto, corresponde à situação geral da cultura: também aqui, justamente, rejeita-se, reiteradas vezes, toda e qualquer formação dessa vida, e o que exerce a atração decisivamente predominante nesses círculos é a mística ecumênica, pois nela a alma religiosa quer fruir sua vida de modo pleno e imediato, seja porque, como até mesmo a representação de deus é ainda sentida como rigidez e bloqueio, a alma só sente como aquilo que é o autenticamente religioso a sua vida mais particular, metafísica, não mais moldada por qualquer forma de crença que seja. Analogamente àqueles fenômenos do futurismo

a que aludi, essa mística absolutamente sem forma designa o momento histórico em que uma vida interna não consegue mais se encaixar nas formas de sua configuração anterior e, por não estar em condições de criar novas, presentemente adequadas, pretende que deve existir sem quaisquer formas.

No interior do desenvolvimento filosófico, parece-me que tal crise tem um alcance maior do que, via de regra, admite-se. Os conceitos fundamentais e as funções de método que, tendo sido cultivados desde a Grécia clássica, são aplicados à matéria do mundo, para, a partir dela, formar imagens filosóficas de mundo, realizaram, conforme penso, tudo que podiam render a esse respeito. O impulso filosófico de que eram expressão evoluiu em seu próprio interior, dando lugar a direções, dinâmicas e necessidades a que já não são mais adequadas; se os sinais não enganam, todo o aparato filosófico começa a se tornar uma carapaça esvaziada de vida.

Parece-me que isso fica especialmente visível em certo tipo de fenômeno. Cada uma das grandes categorias histórico-filosóficas tem, por certo, a tarefa de reunir, em uma unidade absoluta, a cisão e a profusão caótica da existência; mas, concomitantemente, existe, ou passa a existir, junto a cada categoria singular, uma outra, que se exclui mutuamente com a primeira. Assim, tais conceitos fundamentais aparecem em pares, como alternativas que exortam a decisão por um deles, de tal modo que um fenômeno que não se dá a um conceito necessariamente precise se curvar diante do outro – um sim e não que não dá margem para nenhum terceiro. Tais são as oposições entre finitude e infinitude do mundo, mecanismo e teleologia do organismo, liberdade e determinismo da vontade, fenômeno e coisa em si, absoluto e relativo, verdade e engano, unidade e multiplicidade, progresso e obstinação de valores no desenvolvimento da humanidade. Parece-me, agora, que a maior parte dessas alternativas já não oferece mais espaço para essa decisão incondicional, que inclui, em uma ou outra dessas alternativas, cada conteúdo conceitual então em questão. Sentimos nessa lógica conceitual uma estreiteza demasiado inadequada, mas, por outro lado, sua dissolução bem raramente decorre de um terceiro caminho já descoberto, senão que persiste como pretensão e lacuna não preenchida – e, com isso, decerto se anuncia uma crise filosófica radical, a qual reúne os problemas particulares em uma tendência universal, ainda que esta só possa ser designada em termos negativos. Farei uma breve incursão em alguns desses problemas.

Sobre a determinação da vida volitiva pela liberdade ou pela necessidade, pode-se muito bem considerar esgotados todos os argumentos em favor tanto de uma conclusão como da outra, sem que a questão esteja com isso resolvida. Ao lado

da determinação assegurada pela teoria e que se conforma às leis naturais, há um sentimento inegável de que essa conta não fecha direito no que tange à oposição de certa realidade interna – esta que, justamente nos últimos tempos, consolidou-se outra vez rumo a uma afirmação teórica da liberdade. Contudo, parece-me que tal afirmação várias vezes padece de contentar-se com a comprovação de que não se poderia aplicar a necessidade mecânica ao caso da nossa vontade – tomando isso ingenuamente por prova da liberdade. Mas: espera-se mesmo que tais alternativas sejam reais e incondicionais, haja vista as sérias dúvidas em relação à afirmação da liberdade? Espera-se mesmo que a vontade não possa se desenrolar em uma forma situada para além desse “ou isso ou aquilo” e para a qual, de fato, não temos qualquer expressão teórica? Mesmo a grande solução kantiana mais parece uma possibilidade de pensamento do que a expressão dessa conduta interna real, da qual, afinal, o problema parte. Na medida em que Kant distribui necessidade e liberdade em dois estratos diferentes da existência – a necessidade junto ao fenômeno sujeito à experiência; a nossa liberdade junto ao “em-si” incognoscível da existência – ele realmente elimina a competição de tais âmbitos por nosso sujeito, mas da mutilação que nele aí se opera o próprio sujeito não sabe precisamente nada, no momento em que o problema vem à tona. Basicamente, pela dualidade entre o “eu-fenômeno” e o “eu em si” (com a qual se deve satisfazer cada uma das duas exigências), a questão é mais circundada do que solucionada, pois a vida, que não se encontra verdadeiramente expressa nem com o determinismo, nem com a liberdade, é uma vida unitária, que já não pode resolver seus conflitos, os quais vêm a ela como unidade, pelo *itio in partes*. Para o interesse lógico-conceitual de Kant, a matéria primária a problematizar estava muito mais nos conceitos de liberdade e necessidade do que na vida, esta que os engendra de si mesma, e por isso ele, sem refletir, repartiu essa vida em duas, para apaziguar o conflito dos conceitos como tais. Mas parece-me que seu impermeável encaixe de parte a parte se tornou quebradiço e que da rachadura emerge uma pretensão ou suspeita (que, por enquanto, não é nada além disso): a forma essencial da nossa vontade seria algo que vai além tanto da necessidade como da liberdade, um terceiro termo, que não se submeteria a essa alternativa.

Parece igualmente insuficiente a oposição entre unidade e multiplicidade, na tentativa de interpretar a essência do organismo animado. O dualismo entre corpo e alma, para o qual, no fim das contas, trata-se sempre (tanto em suas formas mais crassas, como nas mais refinadas) de duas “substâncias” em essência distintas, pode muito bem ser considerado superado. Não obstante, as especulações que pretendem resgatar a “unidade” de ambos indo aos fundamentos últimos do que temos de

recôndito não extraíram sua força de persuasão de uma imagem de algum modo positiva, mas sim apenas do fato de que aquela dualidade é insuportável. Pode-se, talvez, dizer que é *uma* vida, tão logo a existência corporal e anímica produza para si suas pulsações; no entanto, quase nada se predetermina pelo fato de que a vida seja unidade em sentido interno, como tampouco o conceito de *um* mundo é o que decide se o mundo precisa ser pensado nos termos do monismo ou do pluralismo. Há, na verdade, apenas duas possibilidades últimas de solução, caso dois conceitos que se excluam rigorosamente um ao outro reivindicuem determinar algum objeto. A solução objetiva detecta uma duplicidade existencial no próprio objeto, quanto a seus aspectos e significado, de modo que cada um dos dois conceitos opostos encontre aplicação isenta de problemas. A solução subjetiva deixa o objeto ficar com sua unidade plena e explica ambos os conceitos que o reivindicam como pontos de vista diferentes aos quais a observação pode ser ajustada. Ambos os modos de proceder suspendem a competição dos conceitos, mas, como é evidente, em muitos casos, o que aí se faz é mais fugir do problema do que lhe dar uma solução efetiva; e parece-me inerente às duas soluções questionar se o fenômeno do corpo e da alma representaria uma unidade ou uma dualidade.

A dificuldade está no fato de que a rejeição pronunciada da dualidade parece, pela lógica, deixar como única opção a unidade, ainda que, mesmo assim, não se corresponda à imagem efetiva, pois nada ganhamos de exato ao proclamar o homem como unidade do corpóreo e do anímico. O artista plástico pode ser bem-sucedido em compor a figura humana plena de alma como uma visão unitária, pura e simplesmente, mas, para a representação reflexiva, o corpóreo e o anímico estão, afinal, tão longe um do outro que o conceito de unidade não deixa de ser uma mera palavra para os dois, um esquema posto ao redor de ambos, sem, contudo, superar seu estranhamento desde dentro. Por isso, tendo a crer que nem a dualidade, nem a unidade expressam adequadamente sua relação; que não possuímos, pois, nenhuma formulação conceitual para tal relação. E se isso é assim tão notável é porque, pela lógica, unidade e dualística chocam-se uma na outra, de tal modo que toda relação entre elementos deve necessariamente sujeitar-se a uma delas, caso seja negada pela outra. Apesar disso, mesmo essa alternativa tem agora, para nós, uma fratura; ela, por assim dizer, já prestou seus serviços e, na medida em que a vida seja de uma só vez corpórea e anímica, o que para ela (em sua essência) reivindicamos é uma forma de expressão sobre a qual, porém, nada podemos dizer por enquanto, exceto que haverá de ser um terceiro termo, situado além daquela alternativa até então aparentemente obrigatória.

Os limites aqui traçados não me deixam ir além dessas breves indicações, pensadas como símbolos da situação espiritual em geral. Com o colapso das alternativas conceituais que a lógica até aqui validou e com a reivindicação de um terceiro termo ainda sem formulação possível, fica claro (e nesses casos ainda mais intensamente claro do que em qualquer outra parte) que os nossos meios para submeter os conteúdos da vida ao jugo da expressão do espírito já não são mais suficientes, que o que queremos expressar já não se encaixa dentro deles, mas sim os arrebenta e sai à procura de novas formas – que, por ora, anunciam sua presença oculta somente como suspeita ou efetividade não interpretada, como anelo ou tateio às cegas.

---

Recebido para publicação em 05/05/12. Aceito para publicação em 12/07/13.